



A FESTA DAS YABÁS E O FESTIVAL DE YEMANJÁ: SOB A ÓTICA DA HISTÓRIA

Iolete Martins Maia¹

RESUMO

Tomando como objeto de análise “A Festa das Yabás (Iabás)” e o “Festival de Yemanjá (Iemanjá)”, pretendo relacionar estes eventos à Micro-História e à Antropologia Interpretativa tomando-os como via de acesso à história social e cultural de um grupo. Tentarei desenvolver minhas proposições baseada na leitura de historiadores como Carlos Ginzburg, Giovanni Levi e Clifford Geertz e a partir de suas formulações analisar os símbolos e as representações destas festas sem, contudo, apresentar uma descrição exata das tradições e festividades afro-brasileiras, porém passando por questões conceituais como: sincretismo e religiosidade.

Palavras-chave: Micro-História, Antropologia Interpretativa, Festa das Yabás e Festival de Yemanjá.

ABSTRACT

Taking as an object of analysis, “The Feast of Yabase (Yabás)” and “ Festival of Yemanja (Yemanjá)”, I intend to relate these events to Micro-History and Interpretative Anthropology taking them as a means of access to social and cultural history of a group. Try to develop my recommendations based on the reading of historians like Charles Ginzburg, Giovanni Levi and Clifford Geertz and from their formulations analyze the symbols and representations of these parties without, however, present an accurate description of the traditions and festivities african-Brazilian, but through conceptual issues such as religion and syncretism.

Keywords: Micro-History, Interpretative Anthropology, Feast Yabase and Festival Yemanja.

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

O fenômeno religioso é um elemento histórico de importância significativa em todas as culturas e conceituá-lo não é uma tarefa fácil, pois ao tentar fazê-lo deparamo-nos com uma concentração de dicotomias: idéia-matéria, corpo-alma, sagrado profano, leigo-eclésiástico, bem-mal e outras dicotomias frequentemente empregadas para tentar explicar aquilo que nós, seres humanos, temos dificuldade em compreender.

Também os vários conceitos que pretendem dar conta do termo “Religião”, tanto os pesquisados nos dicionários quanto os disponíveis na internet, não são capazes de dar uma definição que possa satisfazer todos os grupos sociais que afirmam pertencer ou praticar uma

¹ Bolsista PIBID/CAPES, Graduanda em História- licenciatura e bacharelado. Instituição: Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: leterolim@hotmail.com



determinada religião, mesmo porque as diversas religiões do mundo são muito diferentes entre si tanto quanto o são os indivíduos que dela participam.

É interessante entendermos a religiosidade como uma característica do ser humano, que se utilizando desse atributo procura interagir com o sagrado, sem ser necessário com isso especificar qual sagrado, assim, a religiosidade se identifica como uma “fuga”, uma explicação para algo vivido, ou até uma busca para explicações do cotidiano.

A forma como cada religião é praticada ou como cada grupo manifesta sua religiosidade é, na maioria das vezes mal interpretada, por representar segmentos da sociedade que não se manifestam a favor das religiões institucionalizadas, é o caso, por exemplo, do Espiritismo e das religiões de matrizes africanas, que são considerados atos sincréticos livres de qualquer ação religiosa dominante.

CLIFFORD GEERTZ E A “ANTROPOLOGIA DO SENSÍVEL”

O sincretismo religioso já é um apanágio da sociedade brasileira e objeto constante de estudos em nossas Universidades. O tema tem recebido a atenção e uma contribuição significativa da Antropologia e da Sociologia, mas por ora vamos nos centrar na análise antropológica que é uma das propostas deste trabalho, proposta essa que consideramos muito interessante já que a antropologia também enfoca a cultura, o que nos dá a possibilidade de adentrar nos domínios da Antropologia Cultural e da História Antropológica.

Ambas as possibilidades acima mencionadas nos fornecem novas perspectivas de compreensão do fenômeno religioso, pois nos permite desenvolver múltiplas considerações a partir das noções de “práticas” e “representações”, aliás, muito úteis porque a partir delas podemos analisar a festa das Yabás e o Festival de Yemanjá tanto como um fenômeno religioso quanto como uma prática cultural na qual os sujeitos envolvidos encarnam atitudes e gestos. Para Clifford Geertz as religiões agregam valores e conceitos que têm significados definidos para os grupos que os concebem, por isso a religião é: *“em parte uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta.”*¹

¹ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro. Editora LTC. 1989.

A partir dos anos de 1960 Geertz vem impulsionar os novos rumos que a antropologia assumirá na segunda metade do século XX, ao realizar uma análise antropológica das dimensões culturais da política, da religião e dos costumes sociais. A Antropologia Interpretativa terá a missão de mostrar as particularidades de um povo e examinar o alcance e a estrutura da experiência humana.

A cultura na visão de Geertz acaba sofrendo uma revisão e tornando-se uma mediação entre o poder e o objeto de sua ação, um padrão que trabalha com símbolos e comportamentos materializados. Em “A Interpretação das Culturas”, o autor vai criticar o uso desenfreado do conceito de cultura tão em voga na década de 1960, vai reduzi-la a uma dimensão justa:

O Conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.²

Com esse pensamento a cultura é a parte que controla o comportamento em sociedade, ao mesmo tempo em que ela cria e recria esse paradigma, devido esta possuir um caráter ideológico, que acaba norteando a vida em sociedade. A pesquisa antropológica acaba sendo considerada com as próprias percepções acerca dos significados que o ser humano pode adquirir em uma determinada pesquisa.

O discurso social é algo marcante no pensamento hermenêutico, como algo essencial para se interpretar a sociedade e o meio em que a cultura é extremamente valorizada. Sendo representante da linha simbólica, o autor interpretativista analisa a ação do comportamento humano como algo simbólico. Fazendo-se valer de uma descrição densa para que essa densidade possa ser uma boa interpretação, o que seria um elo para o antropólogo entender melhor a sociedade.

A cultura acaba se tornando algo dinâmico e público, o que nos permite comparar como um texto o lugar do simbolismo na cultura. O que nos importa é aprofundar-se nas particularidades e entender as condições localizadas sobre as demais culturas, e não ser mais vistos como uma estrutura dos processos de pensamento como defendia o antropólogo Lévi-Strauss. Assim, a situação acaba sendo parte integrante do conhecimento, dando certa produção de sentido a situação.

Ter um olhar simbólico sobre as ações sociais – arte, religião religiosidade, ideologia, ciência, leis e etc.; não é afastar-se dos dilemas existenciais e sim mergulhar aprofundando-se

² Idem.

no conhecimento de determinado tema, essa seria a função da antropologia interpretativa, não responder às questões profundas, mas colocar a disposição da sociedade respostas e complementos que ajudarão as outras ciências encontrarem soluções.

A análise cultural implica em uma descrição densa, que seria semanticamente e não materialmente densa, consiste na capacidade de diferenciar um reflexo insignificante ou um relance de olhos como exemplos, de um recurso comunicativo conscientemente empregado, a piscadela. A descrição examina os comportamentos públicos em termos do que eles dizem, não do que fazem. Ele lê o conteúdo simbólico da ação, interpretando-a como signo.

Fazer da realidade um efeito relativo é uma característica da “antropologia do sensível”, o antropólogo parece avesso a tudo e a todos quando defende um anti-relativismo, fazendo-se valer do pensamento social de dimensão simbólica como uma postura de caráter inovador na nova antropologia.

Geertz entende que a cultura é a característica fundamental que difere uma sociedade de outra, a capacidade de interpretar tudo através de símbolos dotando-lhes de valor é o que nos torna seres humanos, não é o biológico, mas o fato de produzirmos cultura. Existem elementos substanciais que nos separam, mas para comprová-los existem experiências como o relativismo, cada sociedade é dotada de racionalidade, para o autor todo o comportamento está baseado em modelos de emoção política através de símbolos estabelecidos pela sociedade.

A MICRO-HISTÓRIA E SEUS PRECURSORES

Na década de 70 alguns historiadores, como: Ginzburg, Levi se interessaram muito pela história social, haja vista que não se pensava neste segmento na Itália deste período. Esses historiadores acompanhavam de perto o que era produzido na França, achavam que seria bom discutir questões relacionadas à história social, mas eles não pensavam estudar a história social do tipo *Labrousse*³, pois existiam empecilhos para desenvolver esse tipo de trabalho.

³ Labrousse estabeleceu um modelo histórico centrado em três nós: econômico, social e cultural, inventando a história quantitativa, por vezes, agora chamada de "Bizarro". Evitando biografias e as narrativas das testemunhas individuais, que deram a espinha dorsal da historiografia tradicional, ele aplicou métodos estatísticos e influenciou toda uma geração.



Primeiro existia uma crítica epistemológica a Labrousse, e em segundo dedicar-se a esse campo da história como foi feita na França era inviável, pois os italianos não dispunham de capital para se lançar a tal empreendimento. Seria uma nova concepção de trabalho em equipe, que seria implantada diferente da maneira como os italianos estavam acostumados a trabalhar, sendo assim desenvolvidas pesquisas mais individuais.

A micro-história surge como um campo historiográfico, que torna possível a história dos esquecidos, dos anônimos tentando encontrar elementos que complementam a história social e cultural, rompendo com a visão tradicionalista. O particularismo ganha destaque em relação ao geral, visando resumir o enriquecimento da história enquanto análise social, tornando assim o trabalho do historiador mais complexo, pois ele analisa aspectos diferentes e inesperados.

Carlos Ginzburg, um dos pioneiros nesse novo método, analisa a micro-história observando as particularidades, ele é um historiador que analisa as culturas, o que o fez ser dotado de algumas peculiaridades, isso o difere de outros autores da maneira de usufruir desta metodologia.

Segundo Ginzburg apud Luiz Oliveira, um dos sintomas e, ao mesmo tempo, instrumento desta consciência é a relação cada vez mais estreita entre história e antropologia. No entanto, esta relação é carregada de obstáculos, sendo o primeiro deles, como diz o autor, a diversidade da documentação utilizada por ambas as disciplinas. O antropólogo, em função do trabalho de campo, examina uma complexidade de relações sociais que podem ser reconstituídas, e que contatam a uniatividade dos arquivos com que o historiador trabalha. Esta divisão arquivista implica conseqüentemente de uma fragmentação das fontes utilizadas pelos historiadores em função do objeto para o qual este está direcionado.

Carlo Ginzburg possui três obras principais, “Andarilhos do bem”, “O queijo e os vermes” e a “História Noturna”, estas obras concentram-se na idéia de morfologia histórica. Nos dois primeiros livros, Carlo Ginzburg estava preocupado com o estudo de caso, ele achava que se deveria fazer um estudo serial, isso significa ver algo que se quer analisar através do particular tentando-se chegar a uma concepção do todo. Na visão de Ginzburg, para o historiador não interessa a resposta de o caso ser verdadeiro, o que interessa é analisar as possibilidades. Às vezes ao analisar uma parcela menor pode-se chegar ao entendimento de uma representação de maioria.



Em “Andarilhos do bem”, Ginzburg estudou as ações religiosas e a “mentalidade” de uma sociedade camponesa entre os fins do século XVI e início do século XVII, fundamentado em um contexto de crenças populares que foram associadas à feitiçaria.

Na obra “O queijo e os vermes”, foi através de um moleiro, Menochio, perseguido pela inquisição dos séculos XVI que se percebeu um conjunto de crenças populares censurados pela imposição de um discurso oficial da Igreja. Menochio foi bastante questionado pelos inquisidores, os quais queriam saber de onde viriam aquelas idéias “absurdas”, mas por trás dele não existia ninguém apenas os livros dele, somado a sua visão de mundo medieval. A fonte de pesquisa de Ginzburg foi os registros inquisidores ao qual utilizou como fonte antropológica.

Em “História Noturna” o sabá era um ritual do qual faziam partes principalmente mulheres. A “imagem do sabá” foi resultado de um conjunto de lendas e mitos em que se reuniam homens e mulheres que se dedicavam as práticas mágicas, em “locais sombrios”, e que realizavam vãos noturnos montados em cabos de vassoura, transformavam-se em animais, praticando orgias sexuais e sacrificando crianças. Mas todas as descrições do sabá documentavam mitos e não ritos.

A obra “O fio e os rastros”, também de autoria de Ginzburg, foi criada com uma idéia de afirmação dos métodos de pesquisa histórica baseados em relatos, documentos, descrições, evidências e retóricas visto que os historiadores pós-modernos distanciavam-se destes objetos de estudo. As pretensões destes historiadores eram de concentrar as análises em um caráter mais “cético”, é neste contexto no início da década de 80 que se encontra o “ceticismo pós-moderno” que objetivava eliminar as fronteiras entre narração ficcional e narração histórica. O autor afirmava que ambas possuem sua contribuição sendo cercadas de realidade, mas com uma parcela dotada de hibridismo Ginzburg reconhece que não seria fácil combater o neoceticismo, por isso decidiu aprender com o “inimigo” para posteriormente tentar combatê-lo. Ginzburg utilizou-se da obra de Marc Bloch, em Apologia da história ou ofício do historiador, na qual o autor tenta fazer uma defesa da história e de sua escrita.

O fundamental no trabalho de Ginzburg para as reflexões metodológicas aqui introduzidas diz respeito à forma como o autor trabalha a relação entre os isomorfismos míticos e rituais (resultado e trocas de culturas diversas) e o processo de difusão, conservação



e reelaborarão a que estão periódica e historicamente submetidos, ilustrando claramente esse vínculo entre morfologia e história.⁴

Outro importante representante da micro-história, tendo principiado sua trajetória historiográfica como um historiador econômico e quantitativo, Levi é considerado um dos grandes historiadores italianos, tendo dado início a sua produção científica nos anos 60, mas seu notável reconhecimento será mesmo na década de 70, com a publicação de inúmeros artigos, nos quais se pode perceber a fase de transição do autor. Tentando aproximar-se da antropologia e da história social inglesa o historiador irá se encaminhar para a análise do micro.

Um dos pioneiros da micro-história, Levi teve uma formação socialista liberal e de forte influência do marxismo, ao estudar as influências micro-históricas no contexto da segunda metade do século XX, vem trazer ao conhecimento do público, análises com resultados interessantes, sobre o recorte de algum tema específico. Isso é o que caracteriza a grande importância que a historiografia micro, a sua contribuição para a história.

Levi defende que a micro-história funcionaria como um zoom de uma fotografia, ou seja, o pesquisador deve analisar apenas um espaço pequeno bastante ampliado, mas sem esquecer-se do todo que representa essa singularidade da fotografia para o entendimento do conteúdo. Segundo Levi, a Micro-história possui um papel muito específico dentro da chamada nova história cultural: *“refutar o relativismo, o irracionalismo, o trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos”*.⁵

O trabalho da micro-história visa uma descrição mais realista do comportamento humano, onde os personagens possam interagir com a ação que desenvolvem no enredo ficcional, e acabam ganhando notoriedade, coisa que não se poderia utilizar quando se trabalhava com a historiografia tradicional, o espaço local, é o centro da análise e constitui uma interdependência entre os agentes e os fatores determinantes dessas experiências históricas.

Ao reduzir a historiografia ao local (micro), como um campo de investigação pretende-se escrever de maneira geral as ações políticas, mas também as relações econômicas,

⁴ Herman, Jaqueline. História das Religiões e Religiosidade. In: Domínio da História. Rio de Janeiro – Campus, 1997.

⁵ LEVI, Giovanni. Sobre Micro-história. IN: BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p.133-161 (tradução brasileira).



as tramas da vida que geralmente ultrapassam a escala do local e acabam se integrando no todo. Com esse pensamento, Levi tenta mostrar que “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença na observação microscópica que revelará fatores previamente não observados”.

O caráter experimental que a escala de observação terá, é o que caracteriza a produção de Levi, afirmando que o campo da história que ajudou a construir na Itália, tem como fundamentos, uma análise microscópica e um uso intenso do material documental, sendo que esse procedimento poderá ser utilizado independentemente das dimensões do objeto de estudo.

Para isso, se valoriza a ação individual e as relações sociais e humanas no interior de uma comunidade, para que assim o pesquisador possa analisar o particular como algo que gera uma mudança de mentalidade, que diferencia uma sociedade das outras.

RELAÇÃO ENTRE A MICRO-HISTÓRIA E A ANTROPOLOGIA INTERPRETATIVA

Enquanto a micro-história está preocupada em analisar um pequeno espaço, para se fazer uma análise da sociedade, na antropologia do sensível”, o antropólogo não tem a finalidade de buscar um conceito geral acerca de determinado tema, basta ele saber interpretar, através de símbolos ou com significados algo que determinada sociedade preserva, enquanto cultura é uma relação que se pode obter partindo do pressuposto de que as definições de Geertz e Levi podem partir do particular, para se entender o geral.

Para Giovanni Levi, a noção interpretativa revela uma quantidade de símbolos, que se preocupa com o conjunto, mas a micro-história preocupa-se com as religiões, rituais, classes, voltando-se para as diferenças. Para Geertz, existe uma racionalidade, o papel da micro-história é discernir a racionalidade nesse contexto, ela busca a incoerência de significados. O texto do micro-historiador deve refletir a falta de informações, as dificuldades das fontes e a insuficiência de dados para se analisar o micro, e todas as limitações devem ser problematizadas.

A Festa das Yabás (Iabás)



Oxum,⁶
Senhora das águas,
Trazei-nos o amor divino.
Naná,⁷
Senhora das fontes,
Trazei-nos a renovação do espírito.
Iemanjá,⁸
Senhora do mar,
Trazei-nos a fartura espiritual.
Iansã,⁹
Senhora dos ventos,
Trazei-nos a limpeza da alma”.¹⁰

Para que eu pudesse entender um pouco mais sobre a Festa das Iabás, entrei em contato com uma “filha-de-santo”, ou médium, como prefere ser chamada, e fui por ela convidada a assistir a festa desses orixás femininos, que por sorte iria acontecer na mesma semana em que me contactei com a médium.

Lá chegando lancei-me à observação empírica, quis perceber cada detalhe, atentei para o canto, as danças, as expressões corporais, as pessoas envolvidas no ritual, as orações (Pai-nosso, Ave-Maria, Salve Rainha), as comidas e as bebidas, sendo que estes dois últimos elementos são muito importantes nas religiões de matrizes africanas, pois a cada personagem sagrado é oferecida uma comida ou bebida típica. É interessante como esse sincretismo religioso tão estudado nas ciências humanas é algo tão perceptível na Festa das Iabás.

A Festa das Iabás ocorre no dia treze de dezembro, nela são homenageados os quatro orixás femininos mais cultuados no Brasil: Nanã, Oxum, Iemanjá e Iansã. Ela reúne pessoas de diferentes classes sociais, fato que deduzi pela forma como as pessoas se vestiam e pelos carros estacionados no lugar, e de diferentes etnias o que desmistifica a história de que só negros, pobres e pessoas de má índole frequentam rituais afro-religiosos.

O FESTIVAL DE YEMANJÁ

⁶ Orixá considerada a rainha de todos os rios e cachoeiras. Vaidosa e dona da fecundidade das mulheres, é dona do grande poder feminino.

⁷ Orixá considerada a deusa dos mistérios, senhora de muitos búzios, sintetiza em si morte, fecundidade e riqueza.

⁸ Orixá considerada a rainha do mar e dos rios, é a mãe de todos os filhos, é ela quem sustenta a humanidade.

⁹ Orixá considerada a rainha dos raios, das ventanias, do tempo que se fecha sem chover. É uma guerreira por vocação, sabe ir à luta e defender o que é seu.

¹⁰ Trecho tirado do site <http://fotolog.terra.com.br/ceuscd:52>





Um evento bem maior que a Festa das Iabás, talvez por ser realizado em espaço aberto e por contar com uma comissão organizadora (A Associação dos amigos de Iemanjá e a União de Tendas do Estado do Pará), o festival acontece todos os anos na noite do dia sete para o dia oito de dezembro na Praia de Outeiro.

Na ocasião as pessoas atiram flores e alguns presentes nas águas como oferendas à Iemanjá, fazem preces e pedidos, se reúnem em grupos para realizar seus rituais e “obrigações”. Ao longo de toda extensão da praia observei imagens de Iemanjá com oferendas, flores, comidas, champanhe, perfumes, etc. e muitas velas acesas, de várias cores e tamanhos, em pequenos buracos cavados na areia da praia para proteger do vento.

A organização do evento se preocupou em montar todo um sistema de segurança com muitos salva-vidas e um contingente considerável de policiais, para evitar tumultos e acidentes, pois o número de pessoas que participa do evento é bem expressivo. O ritual principal acontece em uma arquibancada armada em um ponto central da praia onde vários pais, mães, filhos e filhas de santo, vestidos com roupas brancas ou azuis, dançam e cantam ao som de atabaques, ao redor de uma grande imagem de Iemanjá.

Encontrei pessoas que professavam religiões distintas (católicos, umbandistas e para minha surpresa até evangélicos) alguns disseram estar apenas observando e outros confessaram estar participando, afinal como disseram Deus é um só, e alguns até tem conhecimento de que há um sincretismo religioso e disseram estar lá para homenagear Nossa Senhora da Conceição e a Virgem Santíssima.

CONCLUSÃO

Embora meu primeiro passo para a construção desse trabalho tenha sido realizar uma “pesquisa de campo” (minha pretensão ao participar da Festa das Iabás e assistir o Festival de Iemanjá), meu objetivo não é de forma alguma apresentar uma descrição exata das tradições e festividades afro-brasileiras e sim entender o sincretismo presente nessas manifestações, a interação entre culturas distintas e como ela pode contribuir para reestruturar um campo religioso.

Minha finalidade ao selecionar essa festa (micro), como campo de análise, embora não tenha a pretensão de uma história total, foi relacionar o tema à micro-história. Para isso,



observei com base na Teoria de Clifford Geertz, os símbolos e as representações da festa como produto cultural de um grupo, fazendo com isso um paralelo com Ginzburg que trabalha/analisa de modo particular as culturas.

Espero ter colaborado pelo menos para uma mínima compreensão da ação desses indivíduos, de sua manifestação religiosa como sinônimo de sua fé e de como a cultura influencia o pessoal e o vivido.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário Histórico de Religiões** Ed. Nova Fronteira, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia** Ed. Campus, 1997.

CASALI, Rodrigo. O Imaginário da Magia: **A Religiosidade Afro-Brasileira da Cidade de Dourados – MS**. Revista Aulas, V.4, p. 01-24, 2007.

ESPIG, Maria Janete. **“Uma poeira de acontecimentos minúsculos”**: algumas considerações em torno das contribuições teórico-metodológicas da micro-história.

Revista de História Unisinos, V.10, p. 201-213, 2006.

FILHO, João Simões Cardoso. **UMA ROSA À IEMANJÁ: Uma análise antropológica da Associação dos Amigos de Iemanjá – Belém-Pa**. Dissertação de Mestrado, UFPA, 1999.

GEETZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Editora LTC. 1989.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Ed. Martins Fontes, 2006

LEVI, Giovanni. Sobre Micro-história. IN: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas Perspectivas**. Editoras da UNESP, 1992.

MANOEL, Ivan. **História, religião e religiosidade**. Revista Brasileira de História das Religiões, V.01, p.18-33, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Henrique. Dos annales à micro-história: alguns apontamentos sobre os avanços da história social, em: SCHARCZ, Lília Ketri. **Mercadores do espanto: a prática antropológica na visão de Geertz**, V.44, p. 321-324, 2001.

